Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

ATRAVESSANDO SABERES: a geograficidade da infância nos anos iniciais da Educação Básica

Marcio da Costa Berbat
marcioberbat@yahoo.com.br

Doutor em Educação pela Unicamp. Professor Adjunto do Departamento de Didática da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Av. Pasteur, 458, 4° andar, sala: 412, Urca. Rio de Janeiro/RJ. CEP 22290-240

Humberto Goulart Guimarães
hugoulart_5@yahoo.com.br

Professor Tutor e Orientador da pesquisa no Polo Presencial de Rio Bonito no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Av. Pasteur, 458, 4° andar, sala: 412, Urca. Rio de Janeiro/RJ. CEP 22290-240

Daiane Magalhães Moreira Torres
daianemagalhaesrb@hotmail.com

Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC). Av. Pasteur, 458, 4° andar, sala: 412, Urca. Rio de Janeiro/RJ. CEP 22290-240

RESUMO

O presente artigo é um relato da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) referente ao trabalho docente no curso de licenciatura em pedagogia a Distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no Polo Presencial de Rio Bonito. Com enfoque na Geografia da Infância, buscando o entendimento da geograficidade das crianças na educação infantil almejando compreender como a espacialidade e as territorialidades das crianças auxiliam no entendimento desta geograficidade enquanto condição do âmbito vivido das crianças nas aulas de geografia na escola. Os objetivos específicos da pesquisa foram: 1) Analisar as diretrizes curriculares nacionais para o ensino da geografia na educação infantil; 2) Observar as práticas pedagógicas ligadas ao ensino e a vivência da Geografia da Infância, buscando conhecer os seus aspectos norteadores; 3) Investigar os principais suportes que o município de Rio Bonito oferece para o trabalho com a geografia na educação infantil. Utilizou-se como metodologia a interação entre as obras de geógrafos, pensadores da educação infantil, da Geografia da Infância e a observação participante em sala durante o período da pesquisa visando propiciar uma interpretação menos fragmentada entre teoria e prática. Durante o processo de atuação da pesquisa entendeu-se que está em curso um novo paradigma de educação compreendendo que a escola em diversos momentos ainda utiliza metodologias e conteúdos tradicionais, de forma mecânica. Percebeu-se que quando o professor (a) utiliza outras ferramentas de aprendizagem, como atividades e dinâmicas que envolvem a interação, a experimentação e as brincadeiras, o processo de construção do conhecimento das crianças ocorre de forma mais prazerosa e significativa.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia da Infância, Ensino de Geografia, Educação Infantil.

GOING THROUGH KNOWLEDGE: the geographicity childhood in the early years of basic education

ABSTRACT

This article is an account of scientific initiation research (PIBIC) for the teaching in the course of degree in pedagogy Distance of State Federal University of Rio de Janeiro (UNIRIO) in presencial polo Rio Bonito. Focusing on Geography of Childhood, seeking the understanding of geographicity children in kindergarten aiming to understand how the spatiality and territoriality of children assist in the understanding of this condition geographicity while the scope of children lived in geography lessons at school. The specific objectives of the research were: 1) To review the national curriculum guidelines for the teaching of geography in early childhood education; 2) observe the pedagogical practices related to teaching and the experience of Geography of Childhood, seeking to know their guiding aspects; 3) To investigate the main supports that Rio Bonito offers to work with geography in early childhood education. It was used as methodology the interaction between the works of geographers, thinkers of early childhood education, the Childhood Geography and participant observation in the classroom during the research period in order to provide a less fragmented interpretation of theory and practice. During the search operation process it was understood that there is an ongoing new education paradigm comprising the school at different times still uses traditional methods and content, mechanically. It was noticed that when the teacher (a) use other learning tools such as activities and dynamics involving the interaction, experimentation and play, the construction process of knowledge of children is more enjoyable and meaningful way.

KEYWORDS

Childhood Geography, Geography Education, Childhood Education.

Introdução

Este artigo é parte do relato do programa de iniciação científica (PIBIC), que faz parte do projeto mais amplo intitulado Territorialidade(s) e cultura(s): espaço, tempo e aspectos linguísticos nos primeiros anos da educação básica. O projeto envolve os bolsistas e os orientadores presenciais do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no polo presencial de Rio Bonito, no Estado do Rio de Janeiro. Dentre os principais objetivos do projeto busca-se promover a integração das atividades de ensino, pesquisa, extensão na modalidade a distância, com o intuito de propor uma agenda territorial voltada para o diálogo entre a universidade e a educação básica visando contribuir para o engajamento de discentes numa atuação crítica e no desenvolvimento das comunidades em nível regional e local.

Nesse sentido, procura-se com o projeto a partir dos polos presenciais integrados à UNIRIO, desenvolver práticas pedagógicas ligadas à geografia da infância e à língua portuguesa, locais e em redes, que possam ajudar no desenvolvimento do projeto político-pedagógico das escolas de educação infantil e dos anos iniciais do ensino

fundamental, que seja de alcance coletivo na organização do trabalho docente, no processo de funcionamento da escola básica e de especial registro formativo aos discentes do curso de licenciatura em pedagogia. Visando assim proporcionar o diálogo entre as secretarias de educação, as escolas de educação infantil/anos iniciais do ensino fundamental e os polos presenciais, no sentido de discutir efetivamente a organização didático-pedagógica da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, no âmbito da sociedade brasileira.

No caso específico deste relato o enfoque fora no âmbito da geografia da infância, buscando o entendimento prático e pedagógico da *geograficidade* das crianças na educação infantil, almejando compreender de forma integrada como a espacialidade e as territorialidades das crianças auxiliam no entendimento desta *geograficidade* não somente enquanto categorias de análise da geografia científica e escolar, mas enquanto condição corporal e ontológica do âmbito vivido das crianças nas aulas e práticas de geografia na escola.

Destarte, os objetivos propostos visam orientar as questões que surgiram no processo da pesquisa e no próprio campo de atuação, tais como: Porque as escolas ainda trabalham com conteúdos tradicionais? Porque não trabalhar o ensino da geografia com atividades que envolvam a experimentação e a interação entre os alunos? Formularam-se assim três objetivos específicos a serem alcançados de forma integrada entre o recorte da pesquisa e o projeto Territorialidade (s) e cultura(s) como um todo, a saber: 1) Analisar as diretrizes curriculares nacionais para o ensino da geografia na educação infantil (DCNEI); 2) Observar as práticas pedagógicas ligadas ao ensino e a vivência da geografia da infância, buscando conhecer os seus aspectos norteadores; 3) Investigar os principais suportes que o município de Rio Bonito oferece para o trabalho com a geografia na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

No cerne desta discussão está à própria crise permanente da educação no Brasil que passa por profundas mudanças no âmbito cultural-pedagógico. Esse é o contexto no qual a Geografia, enquanto componente curricular da educação básica, também se encontra em crise permanente e se modificando, ora por necessidade de novas interpretações teóricas e científicas, como também pelo próprio contexto de diversidade sociocultural e econômica em que está inserida. Nesse sentido, aponta para a necessidade de sua rediscussão enquanto parte do processo das relações de poder e das tensões territoriais construídas cotidianamente na escola.

Este relato vem para adensar o próprio modo de pensar o papel da Geografia da Infância na educação básica de forma a considerar a presença de práticas que respeitem

a infância, seus sujeitos e seu desenvolvimento como base do processo de formação das crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Recorte espaço-temporal da pesquisa: Colégio Municipal Dr. Astério Alves de Mendonça – Rio Bonito – Rio de Janeiro

O recorte espacial de desenvolvimento da pesquisa foi o município de Rio Bonito (recentemente inserido na Região Metropolitana do Rio de Janeiro). O município faz divisa com os municípios de Cachoeira de Macacu, ao norte; Saquarema, ao sul; Tanguá, a oeste; Silva Jardim, a leste; e Araruama, a sudeste. Como supracitado, o município de Rio Bonito está inserido na região metropolitana (Figura 1), possuindo área territorial-administrativa de 462 km² e população de 55.551 habitantes segundo os dados de 2010 do IBGE. Não possuindo litoral e sendo dividido em três distritos: Rio Bonito (distrito sede onde se localiza o Colégio que serviu de campo para a pesquisa), Bom Esperança e Basílio (MARAFON, et al., 2011).



Figura 1: Mapa da localização do município de Rio Bonito no Estado do Rio de Janeiro.
Fonte: CEPERJ, 2014.

O recorte temporal de aplicação foram os doze meses do ano de 2014, tendo sido encerrada com o relatório de pesquisa devido a sua coleção de grau no curso de

licenciatura em pedagogia ao final do segundo semestre. Entretanto, a pesquisa teve prosseguimento visando a sequencia do programa de iniciação científica nos polos presenciais da pedagogia a distância.

As atividades propostas foram realizadas no estabelecimento de ensino: Colégio Municipal Dr. Astério Alves de Mendonça, situado à BR 101, km 265, Praça Cruzeiro. Rio Bonito, CEP: 28.800-000. Rio de Janeiro (Figura 2). Este Colégio está inserido no espaço da malha urbana de Rio Bonito, oferecendo a formação de Educação Infantil, Ensino Fundamental 1° e 2° segmento, com ensino diurno, atendendo a aproximadamente a 1.200 estudantes. Anexo às dependências desta escola encontra-se o polo presencial de Rio Bonito, destinado à formação de professores para a educação básica.

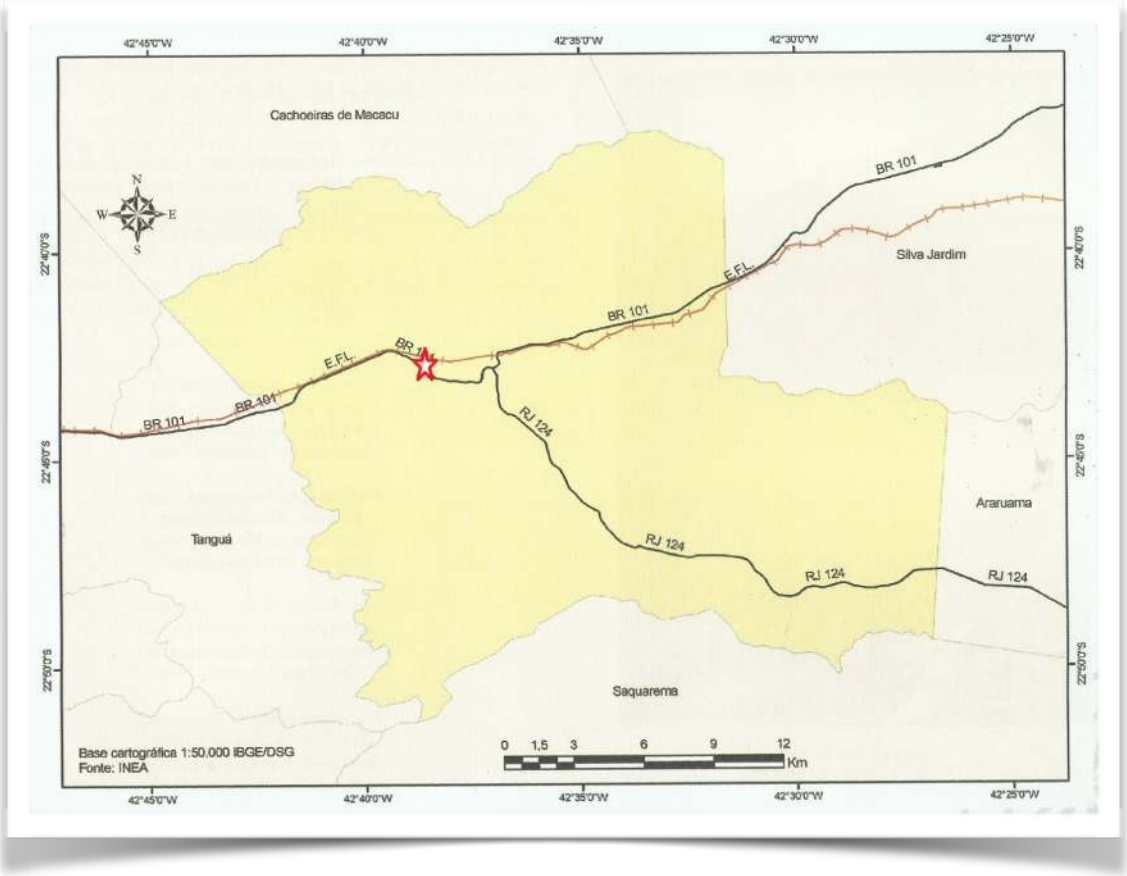


Figura 2: Mapa da localização do Colégio Municipal Dr. Astério Alves de Mendonça em Rio Bonito.
Fonte: INEA, 2014.

Conforme os dados coletados na Secretaria Municipal de Educação, em função da necessidade de responder aos objetivos da pesquisa, o município atendeu em 2014 a um total de 13.500 alunos, sendo 8.600 na rede de ensino público municipal e 4.900 na

rede de ensino estadual e privada, distribuídos em 67 Unidades Escolares, sendo 52 Municipais, aproximadamente 08 Estaduais, e 07 privadas. Destas, 40 escolas que atendem à Educação Infantil com aproximadamente 2.295 alunos matriculados, cerca de 17% dos alunos atendidos na rede.



Figura 3: Fotografia da entrada principal do Colégio Municipal Dr. Astério Alves de Mendonça em Rio Bonito[1].
Fonte: BERBAT, M.C.; GUIMARÃES, H.G. & TORRES, D.MM., 2016

Interpretações sobre a Geografia

No sentido de elaborar a proposta teórica foram consideradas tanto pesquisas referentes ao âmbito geral da geografia quantos autores específicos referentes processo de ensino/aprendizagem na educação infantil, tendo como principal foco as discussões recentes sobre a geografia da Infância. No que concerne à geografia e suas reflexões teóricas escolheu-se autores que se debruçam sobre categorias como espaço, território e lugar; fazendo o inter-relacionamento da análise crítica destas categorias quanto ao aspecto existencial humano da espacialidade, da territorialidade e da multiterritorialidade, e consequentemente do espaço vivido enquanto lugar das relações cotidianas.

[1] As figuras 3, 4, 5 e 6 apresentadas no artigo tem autorização das famílias, realizadas de março a dezembro de 2014, sendo creditados a Daiane Magalhães Moreira Torres e Humberto Goulart Guimarães.

Para tratar das questões referentes à própria construção da geografia e de sua análise espacial foram escolhidos os autores Ruy Moreira (2009) e Milton Santos (1978). Para o enfoque do território e das multiterritorialidade recorreu-se a Rogério Haesbaert (2007) e a Carlos Walter Porto-Gonçalves (2002). No que concerne ao lugar enquanto espaço vivido das crianças-sujeito da pesquisa buscou-se a relação do clássico da Geografia Humanística Yi-Fu Tuan (1980) e o trabalho de Jader Janer Moreira Lopes (2013) que enfoca especificamente na geografia da infância. Permeando a temática da educação infantil, contemplada na obra organizada por Angela Borba (2014), significativas trocas conceituais podem ser interpretadas nas diversas leituras sobre o conhecimento geográfico no contexto das infâncias.

Esta busca é resultado da pesquisa sobre a Geografia enquanto uma ciência interdisciplinar que busca um saber integrado, e qualquer assunto que envolve o estudo do nosso planeta Terra, pode ser trabalhada dentro de uma perspectiva geográfica (sendo ele humano ou não).

Uma geograficidade enquanto "[...] modo de sua existência e de seu destino [...]" desde a infância, principalmente de suas territorialidades que desvelam "[...] o ser e estar das crianças no espaço" (LOPES, 2013, p. 285). Esta é a geograficidade que deve ser existencialmente possibilitada (e não revelada, pois já é parte das existências cotidianas das crianças), via de suas multiterritorialidade nas escalas de seus mundos vividos.

É uma dimensão significativa nos estudos que buscam colocar as crianças como sujeitos protagonistas corporais e políticos nas sociedades e lugares em que vivem. E que a forma como os humanos adultos, individualmente ou socialmente, concebem a espacialidade e suas categorias (tais como território, lugar, paisagem, região) interferem nas formas de ver, compreender, agir com as crianças e na produção de suas infâncias. Ou, conforme explicitou Eric Dardel (2011, p. 1), na relação do homem a Terra.

Segundo Haesbaert (2007, p. 37) a condição pós-moderna em que a realidade se encontra atualmente inclui uma multiterritorialidade, "[...] na medida em que temos hoje a possibilidade de combinar de uma forma inédita a intervenção e, de certa forma, a vivência, concomitante, de uma enorme gama de diferentes territórios". Esta intervenção que relaciona a multiterritorialidade mais qualitativa com os múltiplos territórios de ação que ditam as regras de um mundo cada vez mais "em rede" de informações e dinâmico em suas práticas territoriais. Pensando que a territorialidade humana é um fator muito poderoso e preponderante na vida tanto dos adultos quanto das crianças, indivíduos em seus contextos socioculturais.

Para Porto-Gonçalves (2002, p. 226) estão surgindo "[...] novos territórios epistêmicos que estão tendo que ser reinventados juntamente com os novos territórios de existência material, enfim, são novas formas de significar nosso estar-no-mundo, de grafar a terra, de inventar novas territorialidades". Destarte, assim como novas crises territoriais vão eclodindo no mundo, novas formas de pensar a dinâmica da territorialidade humana vão surgindo, e as crianças emergindo nesse "caldo" de novas multiterritorialidade devem ser responsáveis por suas condições de vida e suas ações políticas e não estarem sujeitos a imposições externas.

Nesse sentido, a geografia da infância não é somente um "mapeamento das crianças nos espaços" e nos "seus territórios", mas uma busca da geograficidade destas multiterritorialidades emergentes e da percepção espacial em germe nas crianças.

O espaço vivido pelas crianças e futuros estudantes será segundo Almeida e Passini (2010, p. 11) desde os primeiros meses de vida do ser humano delineado por impressões e percepções referentes ao próprio domínio espacial, se desenvolvendo através da interação da criança com o meio. Junto a esta busca de apreensão da percepção do espaço vivido pelas crianças está a própria concepção de infância que, conforme enfatiza Lopes (2013, p. 290), "[...] é uma construção social, uma concepção sistematizada em diferentes sociedades, ela apresenta uma dimensão que é plural, pois não me é possível falar em uma única infância, mas na pluralidade de sociedades que cobrem a superfície terrestre". Deste modo, além de localizar, mapear e descrever, interpretar a geograficidade dessas infâncias também é um fenômeno pertinente aos estudos da Geografia.

Deve-se relembrar a interdisciplinaridade da ciência geográfica (SANTOS, 1978), no qual qualquer assunto que envolve o estudo do nosso planeta e da espacialidade da superfície terrestre pode ser trabalhado dentro de uma perspectiva geográfica. Sendo de suma importância que a escola trabalhe na Educação Infantil os eixos temáticos, como a questão ambiental e a preservação do ambiente relacionando-as tanto ao espaço vivido imediato das crianças quanto às diversidades do espaço terrestre, para que possa estimular a formação de cidadãos conscientes e que entendam a sua própria condição espacial.

Esta “luta” na geografia da infância é também contra a fragmentação do próprio conhecimento, em diversas “gavetas” e que pouco conversam enquanto saberes. Tanto da dicotomia entre o científico e o senso comum quanto no repartimento positivista dos objetos das ciências. Pois, a fragmentação do saber leva o homem a não ter domínio do próprio conhecimento no qual concomitantemente a especialização do conhecimento

passa a ser uma patologia do próprio saber; nesse sentido, corroboramos a interpretação de Edgar Morin (2011, p. 38), para quem, "[...] o conhecimento especializado é uma forma particular de abstração. A especialização 'abs-trai', em outras palavras, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto".

Destarte, a busca da interdisciplinaridade propiciada pelos próprios fenômenos e categorias de análise da geografia, que em certos momentos da pesquisa foram encontradas a partir de atividades práticas voltadas para a formação não somente geográfica das crianças, mas para a cidadania em um mundo mais justo social e ambientalmente, na busca não de disciplinar os saberes em seus referentes (coisificados) do mundo, evitando uma totalização racional do conhecimento em uma consciência genérica (LEFF, 2006)

Diálogos com a Escola

Entende-se que a escola é um lugar privilegiado para a construção da cidadania. Na educação infantil o ensino da Geografia, tem como objetivo fornecer subsídios para que a criança se situe em seu lugar de vivência, aprendendo a se relacionar socialmente, ampliando a sua noção de espaço, e não somente deste, pois, segundo Armando Corrêa da Silva (1986, p. 28) "[...] as categorias fundamentais do conhecimento geográfico são, entre outras, espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população, que definem o objeto da geografia em seu relacionamento. [...] De todas, a mais geral - e que inclui as outras é o espaço".

Deste modo, o ensino da Geografia é uma ferramenta importante na realização do trabalho pedagógico na educação infantil, no qual a escola e o educador têm um papel de suma importância para a formação deste sujeito, na busca do entendimento da geograficidade em que se encontra o cotidiano da criança, na relação destas categorias que formam a percepção geográfica de mundo.

E o espaço escolar destinado à pesquisa encontra-se como anexo da instituição municipal de ensino da pesquisa. Com uma área ampla de atendimento exclusivo para a educação infantil, que propiciou, durante a observação, uma percepção de que se tratava de um lugar de adequações básicas para o desenvolvimento das atividades de Geografia propostas, incluindo o campo e outros trabalhos extraclasses propostos às crianças.



Figura 4: Área Interna da Escola e de uso das Crianças da Educação Infantil.
Fonte: BERBAT, M.C.; GUIMARÃES, H.G. & TORRES, D.MM., 2016

A turma escolhida para a pesquisa foi a do Pré-2, que possui um total de 23 alunos. Percebeu-se que as crianças da turma, de forma geral, apresentam um bom desenvolvimento corporal e intelectual, não tendo grandes dificuldades detectadas nesta fase da escolarização e na interação social.



Figura 5: Atividade das Crianças na Educação Infantil.
Fonte: BERBAT, M.C.; GUIMARÃES, H.G. & TORRES, D.MM., 2016

Outro ponto muito importante do processo de análise foi à constatação do próprio "brincar" na construção das atividades propostas. O que segundo Angela Borba (2014) seria o próprio exercício de ser criança, no qual:

> A brincadeira é uma prática social [...], no caso das crianças, constitui uma atividade através da qual elas se apropriam da cultura em que estão inseridas e produzem coletivamente uma cultura própria do seu grupo geracional e de pares (BORBA, 2014, p. 45).

Assim, o que fora observado é que os alunos geralmente participaram de todas as atividades propostas pela professora regente, gostando de dançar, pular, e se divertem no momento destinado ao espaço do parquinho, incluindo o momento das brincadeiras menos direcionadas. Para a realização dos trabalhos com o currículo de Geografia trabalhou-se a música “A casa”. O objetivo desta atividade com as crianças foi propiciar o entendimento e a percepção dos vários tipos de habitações, levando-os a conhecer as modificações que ocorreram nas mesmas e nos lugares no decorrer do tempo (podendo ser trabalhada a noção de "ação do tempo" nos espaços vividos).

Outras atividades lúdicas foram executadas tendo em vista a espacialidade e a percepção do ser-no-mundo das crianças no processo de ensino-aprendizagem. Como destaque pode ser ressaltado o projeto “Cuidando do Meio Ambiente” (no qual várias mudas de Ipês foram plantadas em torno da escola), que além de suscitar o entendimento básico de algumas questões ambientais contemporâneas propiciou uma noção menos fragmentada do conhecimento em relação ao espaço cotidiano a ser futuramente preservado pelos estudantes.



Figura 6: Registro da Educação Infantil realizando o projeto “Cuidando do meio ambiente”.
Fonte: BERBAT, M.C.; GUIMARÃES, H.G. & TORRES, D.MM., 2016

Durante todo o processo prático e teórico de atuação da pesquisa entendeu-se que está em curso um novo paradigma de educação, e visitando o contexto escolar, pode-se compreender que a escola em diversos momentos ainda utiliza metodologias e conteúdos tradicionais, de forma extremamente mecânica. Percebeu-se, consequentemente, que quando o professor (a) utiliza outras ferramentas de ensino-aprendizagem, como atividades e dinâmicas que envolvem a interação, a experimentação e as brincadeiras, a aprendizagem ocorre de forma mais prazerosa e significativa.

E no processo de ensino-aprendizagem da Geografia o (a) professor(a) deve dar liberdade ao estudante para que este conheça e explore o que percebe nos espaços, situando-se em seu lugar de vivência e experiência cotidianas, a da paisagem que ela pode observar. Aprendendo a se relacionar socialmente com outras pessoas de diferentes faixas etárias, ampliando a noção de espaço e buscando a organização de sua experiência e expectativa para com o território em que vive.

Deste modo em variados momentos através da corporeidade lúdica da criança-estudante, pois, segundo Carlos Drummond de Andrade:

> brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola, mas triste ainda é vê-los enfileirados em salas sem ar, com atividades estéreis sem importância alguma para a formação humana.

E o ensino da Geografia deve estar voltado para a cidadania e formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, para que sejam pessoas atuantes na sociedade em que vivem.

Defendemos que a Geografia na Educação Infantil deva proporcionar o acesso à plena geograficidade da criança em seu mundo. Mostrando a Geografia "[...] como uma forma particular de conhecimento, nem por isso descolada dos sonhos dos homens de viver numa sociedade mais igual e humanamente justa [...]" (MOREIRA, 2009, p. 4), e para isto as crianças devem se sentir ligados "[...] a Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre [...]" (DARDEL, 2011, p. 33).

Conclusões

A infância não é algo dado *a priori*, faz parte de um contexto que relaciona a própria concepção de criança e de sociedade na qual aquela está incluída. Destarte a própria infância é uma construção social e nesse sentido que caminha e caminhou a

própria pesquisa; pois a Geografia da Infância se mostra não somente como uma espacialização cartográfica de crianças, mas uma busca mais ampla e aprofundada de análise que este relato buscou auxiliar.

Esta busca aprofundada é pela geograficidade infantil que sempre foi exposta e mostrada como um grande propósito de análise durante a pesquisa. Propósito que ficou bem explícito enquanto objetivo central da Geografia da Infância: na sua própria prática cotidiana em propiciar ao mesmo tempo em que se busca a apreensão desta geograficidade infantil.

Embora se saiba que grande parte das análises deste relato tenha sido feitas dentro dos muros da escola não quer dizer que a própria geograficidade das crianças não estavam sendo verificadas, pois a própria construção da percepção espacial, corporal e territorial destes enquanto estudantes (também) de Geografia faz parte do propósito formador do ensino de Geografia em propiciar cidadãos críticos e atuantes em um mundo mais justo em toda sua complexidade contemporânea.

É importante neste momento conclusivo suscitar a principal busca na qual se fundamenta o projeto da Geografia da Infância. Sendo propiciar a própria percepção do mundo e/ou da condição terrestre humana. Naquilo que Yi-Fu Tuan tratou como "[...] percepção, atitude, valor e visão do mundo [...]", no qual a própria visão do mundo seria uma "experiência conceitualizada", pois as "[...] crianças vivem em um meio ambiente; elas têm apenas um mundo e não uma visão do mundo" (TUAN, 1980, p. 4).

Assim, a alteração desta visão geográfica de mundo seria de suma importância para a própria formação integral das crianças enquanto parte de uma mudança de paradigma do próprio contexto social de inserção destas crianças-estudantes, do mesmo modo colaborando para a própria noção de responsabilidade perante o mundo que eles terão que compartilhar.

Este relato faz parte então de um projeto ambicioso, não somente local (ao nível do estado do Rio de Janeiro ou como parte de um projeto isolado de pesquisa acadêmica), e sim amplo que propicia a aproximação dos estudantes da graduação a distância em perceberem, participarem e produzirem análises sobre a geografia da infância que auxiliem na construção de um educação crítica, com um olhar espacial e principalmente na infância (na sua base) de qualidade de conteúdos, de professores formadores e de atitudes e valores perante nossa condição humana e terrestre. Podendo gerar tanto nas crianças quanto nos participantes do projeto aquilo que Yi-Fu Tuan nomeou como *Topofilia* (que talvez tenha sido um pouco esquecida): o elo afetivo da

pessoa com seu lugar ou espaço vivido, "[...] difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal" (ibid., p. 5).

Enfim, a educação nos faz mobilizar novas formas de representação e possibilidades de explorar o mundo. Neste trabalho, fica evidente que a estrutura da rotina num espaço de educação infantil não dá conta de narrar toda dinâmica do espaço, do tempo, das criações, do dinamismo do cotidiano, das invenções, das culturais como possibilidades no imaginário infantil, entretanto, deve ser considerada no processo pedagógico, seja nas escolas ou mesmo em qualquer lugar no cotidiano das crianças.

Para Lopes (2013, p. 291), os conhecidos postulados sobre a infância são uma construção social e plural, reverberam no entendimento de sua dimensão espacial, pois as infâncias passam a ser lugares destinados às crianças e que se materializam em formas de paisagens nas diferentes sociedades.

Há de se permitir que a criança interfira nesse espaço, modificando-o todos os dias como na vivência da escola, assim, demarcando seus territórios, no processo de territorialização, transformando um simples chão cinza de concreto numa passarela de cores, sujeitos e conhecimentos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEI). MEC/SEB: Brasília, 2010.

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico e representação.** São Paulo: Contexto, 2010.

BORBA, A. "Brincar é coisa de criança, e de adulto também!". In: BORBA, A. (org.). **Educação Infantil:** participação, autoria e aprendizagem. São Paulo: Editora do Brasil, 2014.

DARDEL, E. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HAESBAERT, R. "Território e Multiterritorialidade – um debate". In: **Revista GEOgraphia**, PPGEO/UFF, Niterói, ano IX, n. 17, p. 19-45, 2007.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental:** a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOPES, J. J. M. "Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias". In: **Revista de Educação Pública**, nº. 49/1, p. 283-294, 2013.

MARAFON, G. J. [et al]. (Orgs.). **Atlas escolar do município de Rio Bonito – RJ.** Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

MOREIRA, R. **O Que é Geografia.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2011.

PORTO-GONÇALVES, C. W. "Da geografia às geo-grafias:
um mundo em busca de novas territorialidades". In: CACEÑA, A. E.; SADER, E. (Orgs.). **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial.** Buenos Aires: CLACSO, 2002.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências**.** In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). **Estudos da Infância:** Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, A. C. "As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico". In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. (Orgs.). **Espaço Interdisciplinar.** São Paulo: Nobel, 1986.

TUAN, Y. **Topofilia.** São Paulo: Difel, 1980.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad:** luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

Recebido em 11 de novembro de 2015.

Aceito para publicação em 07 de março de 2016.